



**TODOS OS DIAS SÃO DIAS
DE POESIA**

Por isso,

eis alguns dos nossos

poemas preferidos:

Amor é chama que mata,
Sorriso que desfalece,
Madeixa que desata,
Perfume que esvaece.

(Popular)

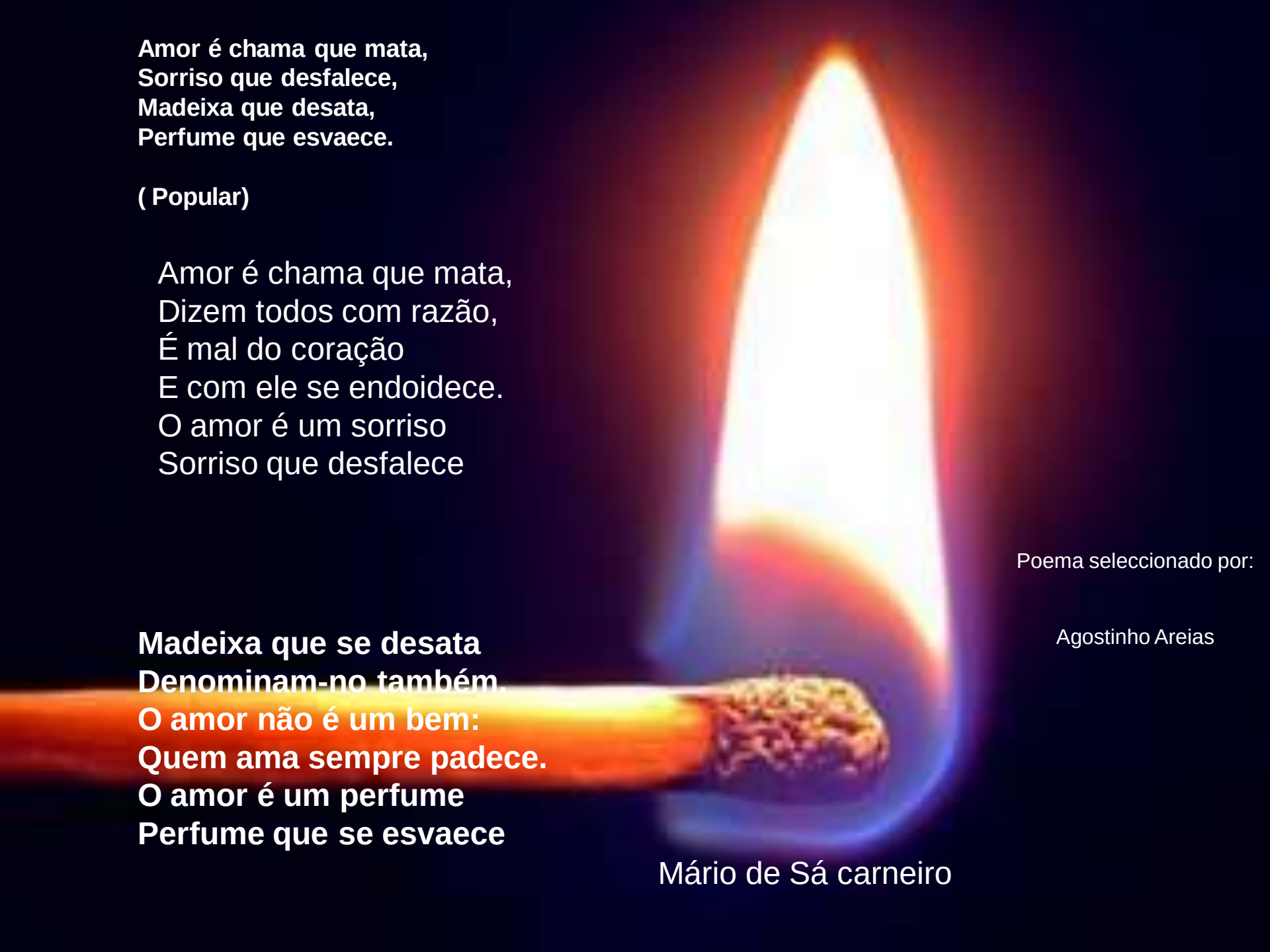
Amor é chama que mata,
Dizem todos com razão,
É mal do coração
E com ele se endoidece.
O amor é um sorriso
Sorriso que desfalece

Madeixa que se desata
Denominam-no também.
O amor não é um bem:
Quem ama sempre padece.
O amor é um perfume
Perfume que se esvaece

Poema seleccionado por:

Agostinho Areias

Mário de Sá carneiro



A Primavera e suas Flores



Poema seleccionado por: João Anacleto

Neste entardecer tão belo...
Entre todas as flores...
Existe uma rosa amarela...
Que vem ressurgindo...
Com a primavera...

Trazendo consigo...
Seu delicado perfume...
Assim como esperanças...
E oportunidades...
Para novas amizades...

A primavera é tão bela...
Porque traz com ela...
Todas as flores e aromas...
Revitalizando a inquietude...
De todos os corações...

As rosas colorem o amor ...
As vermelhas exalam paixão...
As amarelas trazem magia e a sedução...
As brancas com sua brandura...
Trazem paz para os corações...

Vania Staggemeier

Arma Secreta

Tenho uma arma secreta
ao serviço das nações.
Não tem carga nem espoleta
mas dispara em linha recta
mais longe que os foguetões.

Não é Júpiter, nem Thor,
nem Snark ou outros que tais.
É coisa muito melhor que todo o vasto teor
dos Cabos Canaverais.

A potência destinada
às rotações da turbina
não vem da nafta queimada,
nem é de água oxigenada
nem de ergóis da furalina.

Erecta, na torre erguida,
em alerta permanente,
espera o sinal da partida.
Podia chamar-se VIDA.
Chama-se AMOR, simplesmente.

António Gedeão



Poema seleccionado por: Josefina Poseiro

As sem razões do amor



Eu te amo porque te amo.
Não precisas ser amante,
e nem sempre sabes sê-lo.
Eu te amo porque te amo.
Amor é estado de graça
e com amor não se paga.

Amor é dado de graça,
é semeado no vento,
na cachoeira, no elipse.
Amor foge a dicionários
e a regulamentos vários.

Eu te amo porque não amo
bastante ou demais a mim.
Porque amor não se troca,
não se conjuga nem se ama.
Porque amor é amor a nada,
feliz e forte em si mesmo.

Amor é primo da morte,
e da morte vencedor,
por mais que o matem (e matam)
a cada instante de amor.

Carlos Drummond de Andrade

Rafaela Ferreira, 10ºD

A UM AUSENTE

Tenho razão de sentir saudade,
tenho razão de te acusar.
Houve um pacto implícito que rompestes
e sem te despedires foste embora.
Detonaste o pacto.
Detonaste a vida geral, a comum aquiescência
de viver e explorar os rumos de obscuridade
sem prazo sem consulta sem provocação
até o limite das folhas caídas na hora de cair.

Antecipaste a hora.
Teu ponteiro enlouqueceu, enlouquecendo nossas horas.
Que poderias ter feito de mais grave
do que o ato sem continuação, o ato em si,
o ato que não ousamos nem sabemos ousar
porque depois dele não há nada?

Tenho razão para sentir saudade de ti,
de nossa convivência em falas camaradas,
simples apertar de mãos, nem isso, voz
modulando sílabas conhecidas e banais
que eram sempre certeza e segurança.

Sim, tenho saudades.
Sim, acuso-te porque fizeste
o não previsto nas leis da amizade e da natureza
nem nos deixaste sequer o direito de indagar
porque o fizeste, porque te foste

Carlos Drummond de Andrade

A VERDADE

A porta da verdade estava aberta,
mas só deixava passar
meia pessoa de cada vez.
Assim não era possível atingir toda a verdade,
porque a meia pessoa que entrava
só trazia o perfil de meia verdade.
E sua segunda metade
voltava igualmente com meio perfil.
E os dois meios perfis não coincidiam.
Arrebentaram a porta. Derrubaram a porta.
Chegaram a um lugar luminoso
onde a verdade esplendia seus fogos.
Era dividida em duas metades,
diferentes uma da outra.
Chegou-se a discutir qual a metade mais bela.
As duas eram totalmente belas.
Mas carecia optar. Cada um optou conforme
seu capricho, sua ilusão, sua miopia.

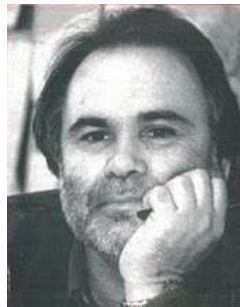
Carlos Drumond de Andrade

A vida está assim: por telha aberta
chove o sangue em cima do calçado
fazendo o coração ficar alerta
não vá o mar chegar ao empedrado.

Adormecer num banco de jardim.
Sonhar coisas fugazes e ternas
deixando que alguns ratos de cetim
me subam às varizes pelas pernas.

O tempo (esse animal) sofre de anginas
e já não há sequer zaragatoas,
overdoses, sprays, penicilinas

que troquem coisas más por coisas boas
tal como não se inventam as vacinas
contra o sorrateirismo das pessoas.



in *Sonetos perversos*, Joaquim Pessoa

Rafaela Ferreira, 10ºD

Bicarbonato de Soda

Súbita, uma angústia...
Ah, que angústia, que náusea do estômago à alma!
Que amigos que tenho tido!
Que vazias de tudo as cidades que tenho percorrido!
Que esterco metafísico os meus propósitos todos!

Uma angústia,
Uma desconsolação da epiderme da alma,
Um deixar cair os braços ao sol-pôr do esforço...
Renego.
Renego tudo.
Renego mais do que tudo.
Renego a gládio e fim todos os Deuses e a negação deles.
Mas o que é que me falta, que o sinto faltar-me no
estômago e na
circulação do sangue?
Que atordoamento vazio me esfalfa no cérebro?

Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?
Não: vou existir. Arre! Vou existir.
E-xis-tir...
E--xis--tir ...

Meu Deus! Que budismo me esfria no sangue!
Renunciar de portas todas abertas,
Perante a paisagem todas as paisagens,

Sem esperança, em liberdade,
Sem nexo,
Acidente da inconsequência da superfície das coisas,
Monótono mas dorminhoco,
E que brisas quando as portas e as janelas estão todas
abertas!

Que verão agradável dos outros!

Dêem-me de beber, que não tenho sede!



Poema de Álvaro de Campos

Rafaela Ferreira, 10ºD

Disponível em:
<http://www.citador.pt/poemas.php?op=10&refid=200809030420>

CÂNTICO DAS CRIATURAS

"Altíssimo, onnipotente, bom Senhor,
Teus são o louvor, a glória, a honra e toda a bênção.
Só a ti, Altíssimo, são devidos;
E homem algum é digno de te mencionar.

Louvado sejas, meu Senhor, com todas as tuas criaturas,
especialmente o Senhor Irmão Sol,
Que clareia o dia e com sua luz nos alumia.
E ele é belo e radiante com grande esplendor:
De ti, Altíssimo é a imagem.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Lua e as Estrelas,
Que no céu formaste claras e preciosas e belas.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Vento,
Pelo ar, ou nublado, ou sereno, e todo o tempo
Pela qual às tuas criaturas dás sustento.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã Água,
Que é muito útil e humilde e preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão Fogo
Pelo qual iluminas a noite e ele é belo e jucundo e
vigoroso e forte.

Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a mãe Terra
Que nos sustenta e governa, e produz frutos diversos
E coloridas flores e ervas.



Louvado sejas, meu Senhor, pelos que perdoam por teu amor,
E suportam enfermidades e tribulações.

Bem aventurados os que sustentam a paz,
Que por ti, Altíssimo, serão coroados.

Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã a Morte corporal,
Da qual homem algum pode escapar.

Ai dos que morrerem em pecado mortal!
Felizes os que ela achar
Conformes á tua santíssima vontade,
Porque a morte segunda não lhes fará mal!

Louvai e bendizei a meu Senhor,
E dai-lhe graças, e servi-o com grande humildade."

São Francisco de Assis

Poema seleccionado por: Madalena Capinha

Como será estar contente?

Como será estar contente?

**Lançar os olhos em volta,
moderado e complacente,
e tratar com toda a gente
sem tristeza nem revolta?**

**Sentir-se um homem feliz,
satisfeito com o que sente,
com o que pensa e com o que diz?**

Como será estar contente?

Autor: António Gedeão

Poema seleccionado por: Josefina Poseiro



DA MINHA ALDEIA

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo...
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não, do tamanho da minha altura...

Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe
de todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos
nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

Alberto Caeiro



Poema seleccionado por: Carlos Monteiro

DOBRADA À MODA DO PORTO

*Um dia, num restaurante, fora do espaço e do tempo,
Serviram-me o amor como dobrada fria.
Disse delicadamente ao missionário da cozinha
Que a preferia quente,
Que a dobrada (e era à moda do Porto) nunca se come fria.*

*Impacientaram-se comigo.
Nunca se pode ter razão, nem num restaurante.
Não comi, não pedi outra coisa, paguei a conta,
E vim passear para toda a rua.*

*Quem sabe o que isto quer dizer?
Eu não sei, e foi comigo...*

*(Sei muito bem que na infância de toda a gente houve um jardim,
Particular ou público, ou do vizinho.
Sei muito bem que brincarmos era o dono dele.
E que a tristeza é de hoje).*

*Sei isso muitas vezes,
Mas, se eu pedi amor, porque é que me trouxeram
Dobrada à moda do Porto fria?
Não é prato que se possa comer frio,
Mas trouxeram-mo frio.
Não me queixei, mas estava frio,
Nunca se pode comer frio, mas veio frio.*

Álvaro de Campos

Poema seleccionado por Sofia Pereira



Eu amo tudo o que foi



**Eu amo tudo o que foi,
Tudo o que já não é,
A dor que já me não dói,
A antiga e errónea fé,
O ontem que dor deixou,
O que deixou alegria
Só porque foi, e voou
E hoje é já outro dia.**

Fernando Pessoa – 1931

Poema seleccionado por: Rui Santos

Eu cantarei de amor tão docemente,
por uns termos em si tão concertados,
que dous mil acidentes namorados
faça sentir ao peito que não sente.

Farei que amor a todas avivente,
pintando mil segredos delicados,
brandas iras, suspiros magoados,
temerosa ausadia e pena ausente.

Também, Senhora, do desprezo honesto
de vossa vista branda e rigorosa,
contentar-me hei dizendo a menor parte.

Porém, para cantar de vossa gesto
a composição alta e milagrosa,
aqui falta saber, engenho e arte

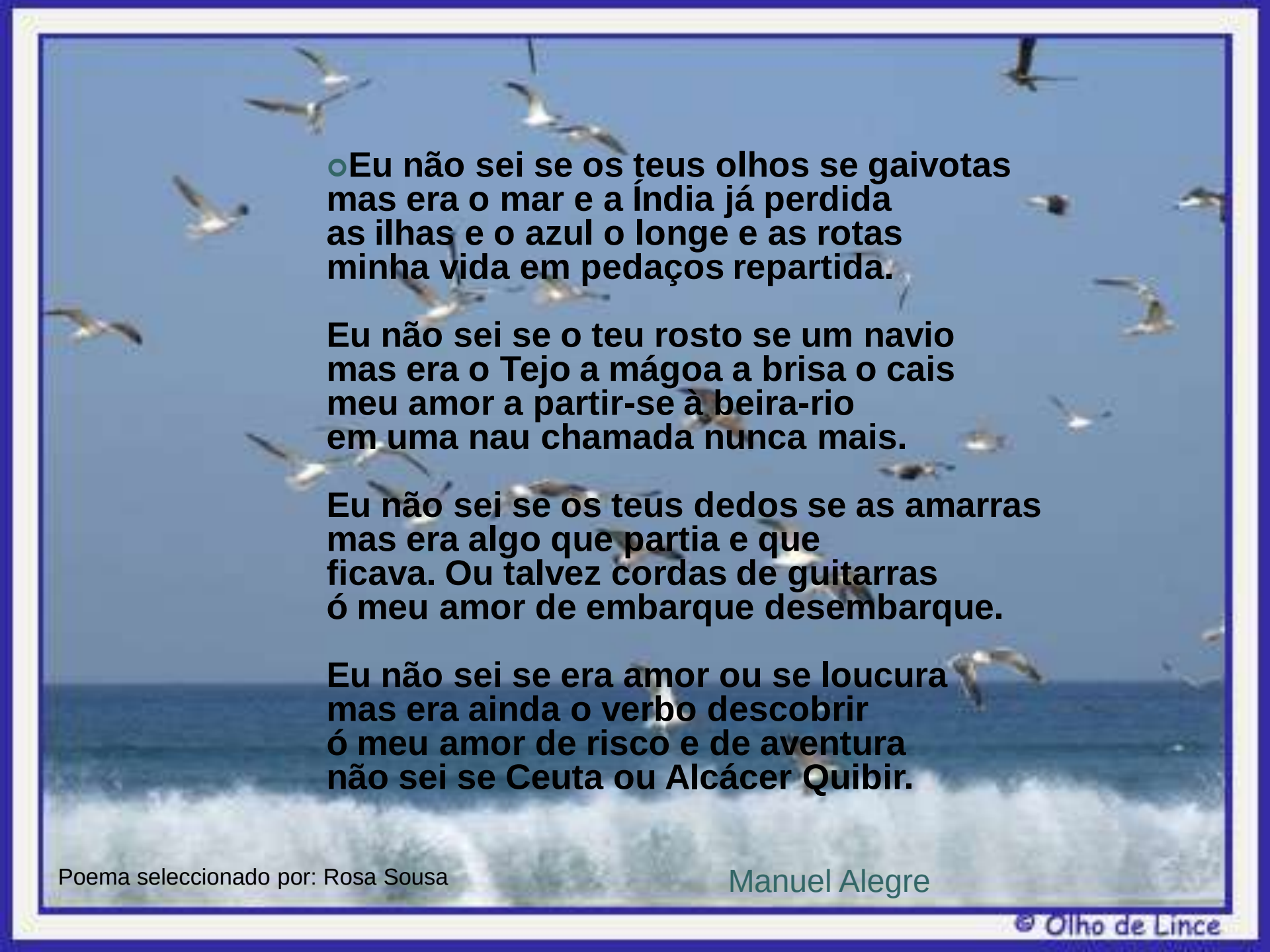
Luís de Camões



Poema seleccionado por:
Nelson Martins



Bardo.Cyaneus.Net



o Eu não sei se os teus olhos se gaivotas
mas era o mar e a Índia já perdida
as ilhas e o azul o longe e as rotas
minha vida em pedaços repartida.

Eu não sei se o teu rosto se um navio
mas era o Tejo a mágoa a brisa o cais
meu amor a partir-se à beira-rio
em uma nau chamada nunca mais.

Eu não sei se os teus dedos se as amarras
mas era algo que partia e que
ficava. Ou talvez cordas de guitarras
ó meu amor de embarque desembarque.

Eu não sei se era amor ou se loucura
mas era ainda o verbo descobrir
ó meu amor de risco e de aventura
não sei se Ceuta ou Alcácer Quibir.

EXAGEROS

O Alfredo atirou o jornal ao chão,
irritadíssimo, e virou-se para mim:

- Estes jornalistas! Passam a vida a
inventar coisas, é o que te digo. Então não
afirmam que, no Sardoal, foi encontrado um frango com três pernas!
Vê lá tu! É preciso ter descaramento.

Ajeitou-se melhor no sofá e, realmente indignado, coçou a tromba
com a pata do meio.



Mário Henrique Leiria

Rafaela Ferreira, 10ºD

Lágrima de Preta

Encontrei uma preta
que estava a chorar,
pedi-lhe uma lágrima
para a analisar.

Recolhi a lágrima
com todo o cuidado
num tubo de ensaio
bem esterilizado.

Olhei-a de um lado,
do outro e de frente:
tinha um ar de gota
muito transparente.

Mandei vir os ácidos,
as bases e os sais,
as drogas usadas
em casos que tais.

Ensaiei a frio,
experimentei ao lume,
de todas as vezes
deu-me o que é costume:

Nem sinais de negro,
nem vestígios de ódio.
Água (quase tudo)
e cloreto de sódio.

António Gedeão



Poema seleccionado por: Rita Helena da Silva Sousa
EFA SA1 Secundário

LER, DOCE LER

Os livros são casas
com meninos dentro
e gostam de os ouvir rir,
de os ver sonhar
e de abrirem de par em par
as paisagens e as imagens
para eles, lendo, poderem sonhar.

Os livros gostam muito
de contar histórias,
mesmo que essas histórias
sejam contadas em verso
com a mesma naturalidade
com que eu escrevo,
com que eu converso.

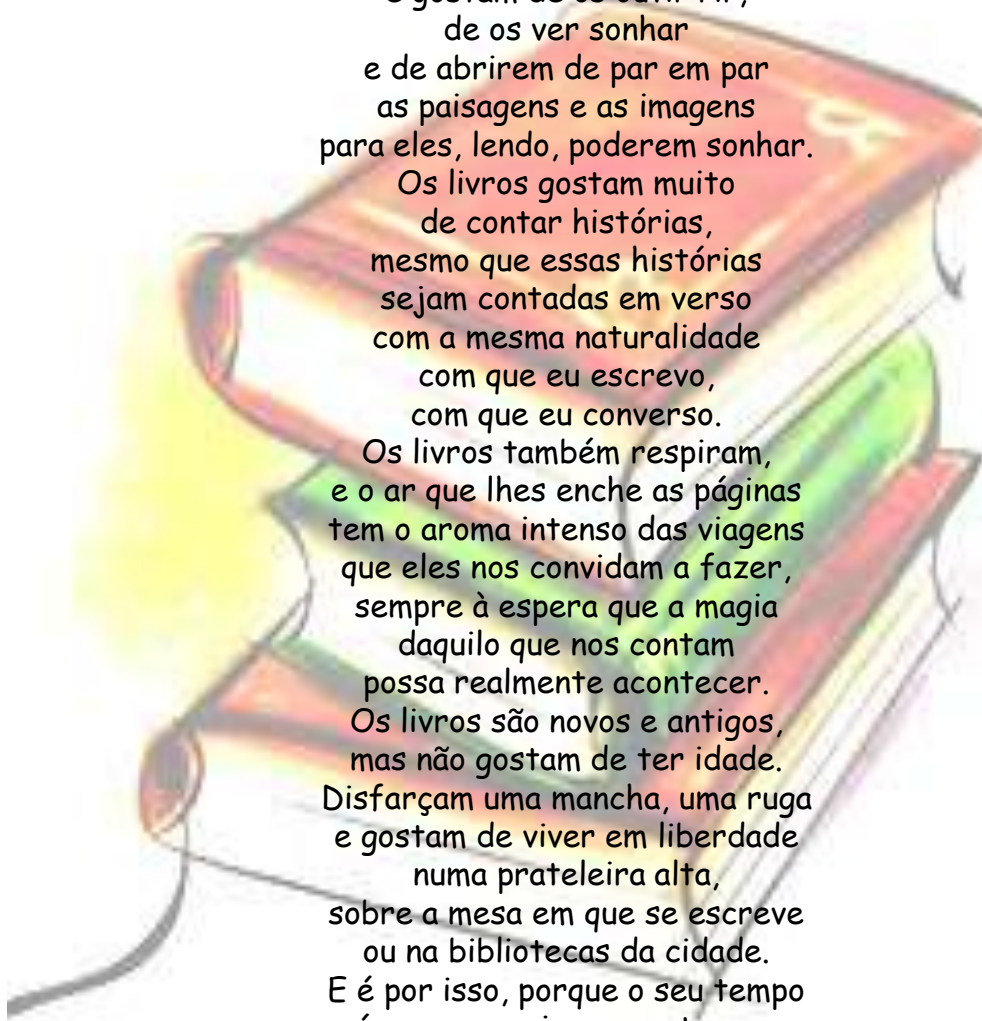
Os livros também respiram,
e o ar que lhes enche as páginas
tem o aroma intenso das viagens
que eles nos convidam a fazer,
sempre à espera que a magia
daquilo que nos contam
possa realmente acontecer.

Os livros são novos e antigos,
mas não gostam de ter idade.
Disfarçam uma mancha, uma ruga
e gostam de viver em liberdade
numa prateleira alta,
sobre a mesa em que se escreve
ou na bibliotecas da cidade.

E é por isso, porque o seu tempo
é sempre maior que o tempo,
que eles não gostam de ter idade. (...)

"José Jorge Letria"

Joana Moquenco



Liberdade

Ai que prazer
não cumprir um dever.
Ter um livro para ler
e não o fazer!
Ler é maçada,
estudar é nada.
O sol doira sem literatura.
O rio corre, bem ou mal,
sem edição original.
E a brisa essa, de tão naturalmente matinal,
como tem tempo, não tem pressa...

Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

(...)

Grande é a poesia, a bondade e as danças...
Mas o melhor do mundo são as crianças,
Flores, música, o luar e o sol, que peca
Só quando, em vez de criar, seca.

(...)

(excerto)



Poema de Fernando Pessoa

Seleccionado por: Emma Nzang

Não sei quantos seremos, mas que importa?!
Um só que fosse, e já valia a pena
Aqui, no mundo, alguém que se condena
A não ser conivente
Na farsa do presente
Posta em cena!

Não podemos mudar a hora da chegada,
Nem talvez a mais certa,
A da partida.
Mas podemos fazer a descoberta
Do que presta
E não presta
Nesta vida.

E o que não presta é isto, esta mentira
Quotidiana.
Esta comédia desumana
E triste,
Que cobre de soturna maldição
A própria indignação
Que lhe resiste.

Miguel Torga, Câmara Ardente, 1962

Poema seleccionado por: Fernanda Ribeiro



O Milagre da Vida

Pode ser que um dia deixemos de nos falar...
Mas, enquanto houver amizade,
Faremos as pazes de novo.

Pode ser que um dia o tempo passe...
Mas, se a amizade permanecer,
Um do outro se há-de lembrar.

Pode ser que um dia nos afastemos...
Mas, se formos amigos de verdade,
A amizade nos reaproximará.

Pode ser que um dia não mais existamos...
Mas, se ainda sobrar amizade,
Nascemos de novo, um para o outro.

Pode ser que um dia tudo acabe...
Mas, com a amizade construiremos tudo novamente,
Cada vez de forma diferente.
Sendo único e inesquecível cada momento
Que juntos viveremos e nos lembraremos para sempre.

Há duas formas para se viver a vida:
Uma é acreditar que não existem milagres.
A outra é acreditar que todas as coisas são um milagre.

Poema de Albert Einstein



**Imagem “A Mulher Misteriosa”
de Salvador Dali**

Poema seleccionado por: Isabel Coentro

O SONHO

Pelo Sonho é que vamos,
comovidos e mudos.
Chegamos? Não chegamos?
Haja ou não haja frutos,
pelo sonho é que vamos.

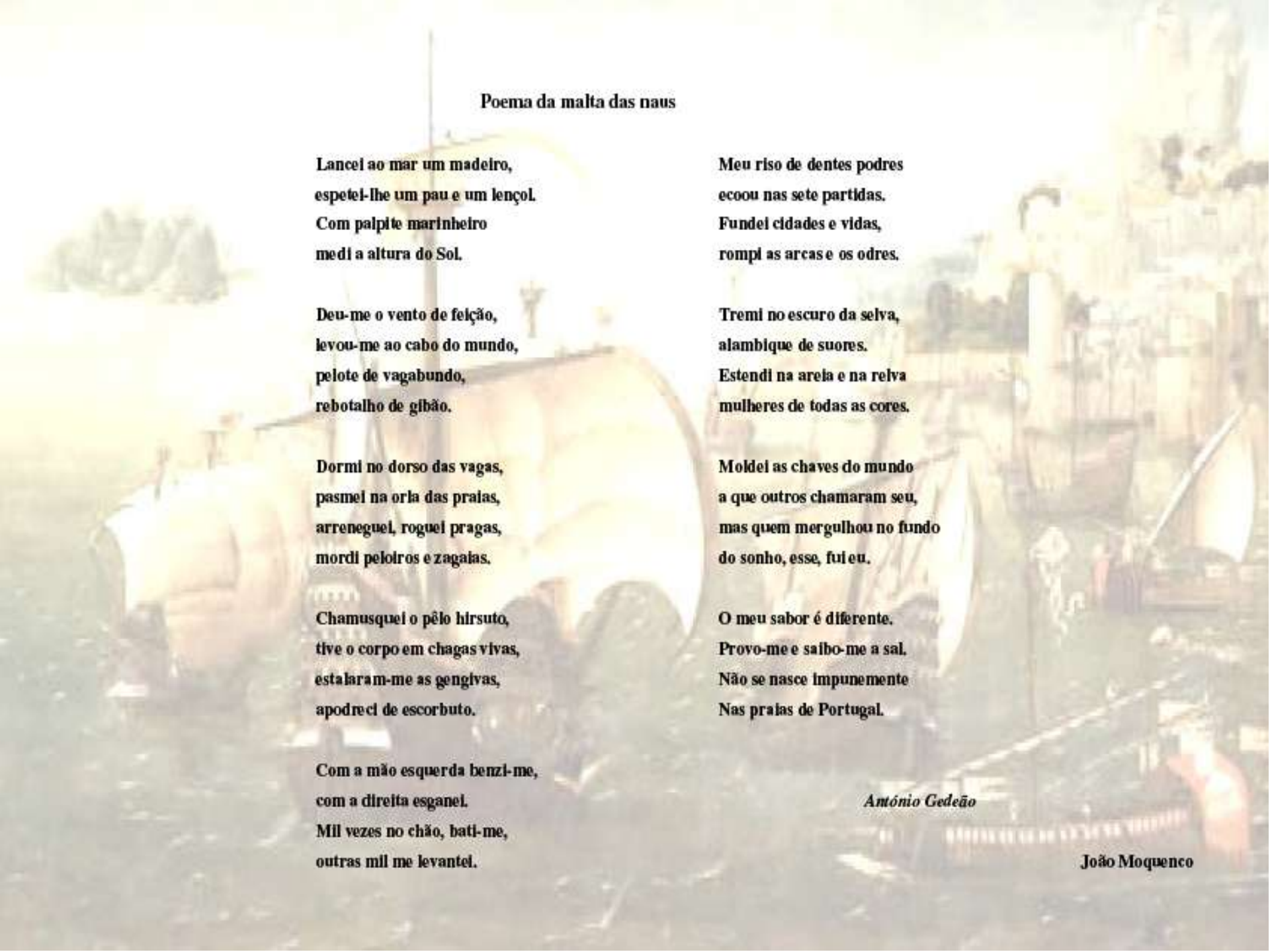
Basta a fé no que temos,
Basta a esperança naquilo
que talvez não teremos.
Basta que a alma demos,
com a mesma alegria,
ao que desconhecemos
e do que é do dia-a-dia.

Chegamos? Não chegamos?

- Partimos. Vamos. Somos.

(Sebastião da Gama)

Poema seleccionado por: Joaquim Completo



Poema da malta das naus

Lancei ao mar um madeiro,
espetei-lhe um pau e um lençol.
Com palpite marinheiro
medei a altura do Sol.

Deu-me o vento de felção,
levou-me ao cabo do mundo,
pelote de vagabundo,
rebotelho de gibão.

Dormi no dorso das vagas,
pasmel na orla das praias,
arreneguel, roguel pragas,
mordi peloiros e zagaias.

Chamusquel o pêlo hirsuto,
tive o corpo em chagas vivas,
estalaram-me as gengivas,
apodreci de escorbuto.

Com a mão esquerda benzi-me,
com a direita esganei.
Mil vezes no chão, bati-me,
outras mil me levantei.

Meu riso de dentes podres
ecoou nas sete partidas.
Fundei cidades e vidas,
rompi as arcas e os odres.

Tremi no escuro da selva,
alambique de suores.
Estendi na areia e na relva
mulheres de todas as cores.

Moldei as chaves do mundo
a que outros chamaram seu,
mas quem mergulhou no fundo
do sonho, esse, fui eu.

O meu sabor é diferente.
Provo-me e salbo-me a sal.
Não se nasce impunemente
Nas praias de Portugal.

António Gedeão

João Moquenco

Poema seleccionado por: Teresa Rodrigues

*Quem planta uma floresta
Planta uma festa.*

*Planta a música e os ninhos,
Faz saltar os coelhinhos.*

*Planta o verde vertical,
Verte o verde,
Vário verde vegetal.*

*Planta o perfume
Das seivas e flores,
Solta borboletas de todas as cores.*

*Planta abelhas, planta pinhões
E os piqueniques das excursões.*

*Planta a cama mais a mesa.
Planta o calor da lareira acesa.
Planta a folha de papel,
A girafa do carrocel.*

*Planta barcos para navegar,
E a floresta flutua no mar.
Planta carroças para rodar,
Muito a floresta vai transportar.
Planta bancos de avenida,
Descansa a floresta de tanta corrida.*

*Planta um pião
Na mão de uma criança:
A floresta ri, rodopia e avança.*

Luísa Ducla Soares



ROMANCE INGÉNUO DE DUAS RECTAS PARALELAS

Duas linhas paralelas
muito paralelamente
iam passando entre estrelas
fazendo o que estava escrito:
caminhando eternamente
de infinito a infinito.

Seguiam-se passo a passo
exactas e sempre a par
pois só num ponto do espaço
que ninguém sabe onde é
se podiam encontrar
falar e tomar café

Mas farta de andar sozinha
uma delas certo dia
voltou-se para a outra linha
sorriu-lhe e disse-lhe assim:
“Deixa lá a geometria
e anda aqui para o pé de mim...”

Diz a outra: “Nem pensar!
mas que falta de respeito
se quisermos lá chegar
temos de ir devagarinho
andando sempre a direito
cada qual no seu caminho!”

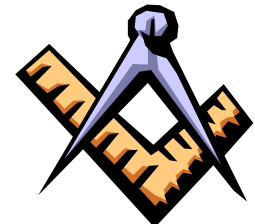
Não se dando por achada
fica na sua a primeira
e sorrindo amalandrada
pela calada, sem um grito
deita a mãozinha matreira
puxa para si o infinito

E com ele ali à frente
as duas a murmurar
olharam-se docemente
e sem fazerem perguntas
puseram-se a namorar
seguiram as duas juntas

Assim nestas poucas linhas
fica uma história banal
com linhas e entrelinhas
e uma moral convergente
o infinito afinal
fica ao pé da gente.

José Fanha

Poema seleccionado por: Uguete Lopes



Ser Poeta

Ser poeta é ser mais alto, é ser maior
Do que os homens! Morder como quem beija!
É ser mendigo e dar como quem seja
Rei do Reino de Aquém e de Além Dor!

É ter de mil desejos o esplendor
E não saber sequer que se deseja!
É ter cá dentro um astro que flameja,
É ter garras e asas de condor!

É ter fome, é ter sede de Infinito!
Por elmo, as manhãs de oiro e de cetim...
É condensar o mundo num só grito!

E é amar-te, assim, perdidamente...
É seres alma, e sangue, e vida em mim
E dizê-lo cantando a toda a gente!

Florbela Espanca

Fernanda Timóteo

neilima

Soneto de Fidelidade

De tudo ao meu amor serei atento
Antes, e com tal zelo, e sempre, e tanto
Que mesmo em face do maior encanto
Dele se encante mais meu pensamento.

Quero vivê-lo em cada vão momento
E em seu louvor hei de espalhar meu canto
E rir meu riso e derramar meu pranto
Ao seu pesar ou seu contentamento

E assim, quando mais tarde me procure
Quem sabe a morte, angústia de quem vive
Quem sabe a solidão, fim de quem ama

Eu possa me dizer do amor (que tive):
Que não seja imortal, posto que é chama
Mas que seja infinito enquanto dure.

Vinicius de Moraes



Tanta gente

(Pedro Barroso)

Tantos ventos sopraram de longe
Tantos cantos nasceram da terra
Tantas luas líquidas de noite
E tantos poentes caíram no mar
Tantos homens mancharam a sombra,
Que arrasaram e esqueceram
Tantas serras tão altas, tão verdes,
Queimadas, cortadas, rasadas, minguadas,
As águas felizes e as aves planantes
Que nelas viveram...

Mas o mundo não é uma máquina,
Pode um dia vir-se a zangar.
Porque o mundo não é uma máquina,
Pode um dia vir-se a esgotar.

Tanta raiva por trás destas grades,
Esta vida sem espaço nem ar
Tanta goiva cortando nos dedos,
Cortando nos bichos, cortando no mar
Rios sangrantes ao som de explosões
Nafta e espuma na lama e na onda

Óleo negro na praia perdida, na praia sonhada
Das vidas que foram e nas teorias garridas e complexas
Mas que nada fizeram!

Mas o mundo não é uma máquina,
Pode um dia vir-se a zangar.
Porque o mundo não é uma máquina,
Pode um dia vir-se a esgotar.

Tanta gente inventou segredos
De fazer, de viver e preservar
Mas são tantos os olhos mortícios de esperança
Por tantas sentenças perdidas na estrada
Tantos planos, mil rios de tinta,
E tanta gente na ria e no campo
Tantos lixos, ruídos e fumos
Somos vagalumes crescendo no mar
E apenas queremos água para beber, ar para respirar
E Sol para viver e paz para dormir
Justiça no espaço e serras para amar

Porque o mundo não é uma máquina,
Pode um dia vir-se a zangar.
Porque o mundo não é uma máquina,
Pode um dia vir-se a esgotar.



Uma gota de orvalho caiu na madrugada, e instalou-se numa pétala de rosa e, com os primeiros raios de sol, tomou a aparência de um diamante, encantando a todos com seu brilho e sua pureza.

Uma outra também caiu e, coitada, misturou-se com a terra, sujou-se, enlameou-se e ficou desprezível.

Alguns nem a viram e até (quem sabe?) viram e pisaram com os inadvertidos pés humanos que costumam pisar.

Que diferença há entre uma e outra?

Não vieram as duas do mesmo orvalho?....



Poema seleccionado por:
Fernando Rodrigues, 1º SA 1

Um dia juntei todas a palavras
que já aprendera e
busquei para elas novos sentidos,
novas maneiras de soar e de voar
até ao coração dos homens.
Censuraram-me por tê-lo feito
e houve até quem dissesse:
"As palavras são o que são
e procurar para elas novos significados
é pura perda de tempo e ofensa aos deuses."
Eu não lhes dei ouvidos
e continuei a escrever, aprendendo
o sabor de casar a palavra "água"
com a palavra "vento" e a palavra
"corpo" com a palavra "terra"
e a palavra "homem" com a palavra sonho"
e a palavra "natureza" com a palavra "vida"

Foi assim, um pouco sem o querer,
um pouco sem o esperar, que usei
pela primeira vez a palavra "poesia",
que viaja comigo, companheira eterna,
para todos os lugares onde vou.

José Jorge Letria, *No Voo de uma Palavra*

Poema seleccionado por: Teresa Ferreira

Vida o poema

A vida é um poema muito lindo
Se assim a quisermos fazer
Nem tudo serão rosas
Mas tudo faremos para vencer

Coisas más e coisas boas
Coisas tristes e alegres
Tudo se junta num bolo
Só temos de separar as pestes

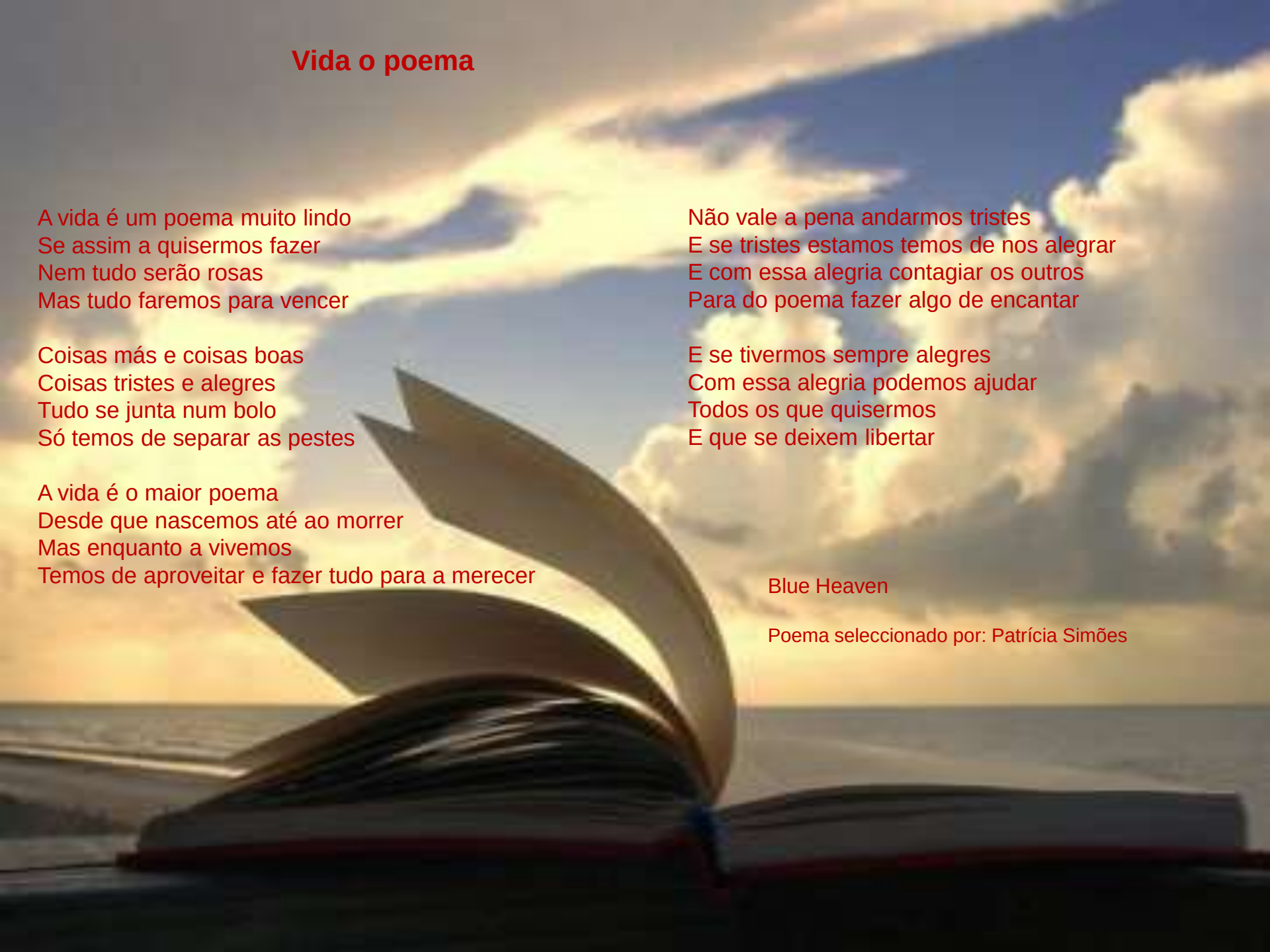
A vida é o maior poema
Desde que nascemos até ao morrer
Mas enquanto a vivemos
Temos de aproveitar e fazer tudo para a merecer

Não vale a pena andarmos tristes
E se tristes estamos temos de nos alegrar
E com essa alegria contagiar os outros
Para do poema fazer algo de encantar

E se tivermos sempre alegres
Com essa alegria podemos ajudar
Todos os que quisermos
E que se deixem libertar

Blue Heaven

Poema seleccionado por: Patrícia Simões



Eis também alguns
poemas originais:



Em Memória da 'Vó Gaída

'CIFRANDO O ACASO

Nas escamas de um qualquer peixe,
nas listras das zebras,
nas linhas da palma da mão,
em todos os fragmentos e vestígios,
dispersos, casuais,
a codificada escrita.

No micro se inscreve,
Essa cifra inocente (?)
do aparente macro-acaso.
Ateia composição
perfazendo a harmonia
do caos ordenado.
Linguagem de sonhos,
Insinuante em certos silêncios,
de algumas viagens
de ecos de aromas
e fragmentos de olhares,
restos de conversas
e resíduos de tempo.

Pela reversibilidade,
o carácter de urgência
de regresso ao dentro,
qual jogo de espelhos,
Labirinto sem mapa
onde a memória vagueia,
para lá da vida e da morte
Sem norte nem sul
A caminho de nós:

Tudo em crescendo,
Tudo em minguante
Tudo em espiral
turbilhão entre espaços,
tempos e Eus
Onde não há fronteiras
Para te espreitar aí
Num lugar-esconderijo
Janela dentro de infinitas iguais
Enfim reencontro-te,
em qual, já não sei.
Afinal também estás
nas passagens de um livro.
Qual deles sou eu:
autor ou personagem?
Que interessa qual, porém?

És auto-biografia, sim...
De toda a Humanidade
Dialogia entre um qualquer Eu
e um outro qualquer outr-eu,
teimando em crescer,
para além do adeus.

Viajas em mim,
por mim
Sem morar já aqui
E eu viajo por ti,
através dos teus olhos
Regressando ao futuro
de uma infância perdida.
Dou-te novo fôlego
E salvo-me da minha asfixia.
Colho-te no espírito

Oh, voz sagrada,
Que estás no dito-não-dito do amor
Que voltas ainda a mim
Quando as portas se fecham
Escondendo o visível segredo
Revelando o óbvio invisível
És a ínfima parte,
O que fica de mim.
Vais e vens quantas vezes
Eu quisera esquecer-te,
Outras vezes sou eu
Que te busco em vão.

Caço-te, caçando-me,
por secretos instantes
E vislumbro, assim,
a essência de tudo
nesse teatro interno
Onde ensaias viver
E insistes surgir
Através dos meus gestos
Aclarando a voz,
Pelo som dos meus passos,
pela minha canção
Pelos dias que passam
Pelas noites que vão.

E já não sei onde acabo
E onde comesças tu.
Fazes parte de mim,
ou serei eu a tua parte?
Um sussuro me diz
Não interessa a estrada
É sempre a ti que regresso

Como a um último reduto
Como quem sempre regressa
a um final de linha.

Desde sempre te vi
No desenho das nuvens,
Nas vozes do mar
No sorrir das crianças
Nos acordes dos pássaros
num qualquer fio telefónico
Nas conversas banais
Nas pegadas na praia
No restolhar das folhas
Nas escamas de um peixe
Num qualquer esvoaçar
Nesses rios que correm
Desaguando... no ar

Mostra-te, não vás... ainda...
Entrevejo o teu rosto
Pára, agora... volta...
Entrejo o semblante...
Fica, ainda...espera...
Sem ti...
sou apenas ficção.
Mas sei que não estou só
Mas é contigo que quero ficar só
Afinal sou eu também
micro deste macro-acaso

Helena Cabrita

Houve um dia
Em que descobri a poesia...
Companheira dos meus sonhos
Viajante nos meus passos.

Houve um dia em que a poesia
Fez tão parte de mim,
Que com ela caminhava
Pela noite sem fim.

Com ela corriam os pensamentos
Como que levados pelo vento,
Sobrevoando a paisagem
numa tão grande viagem!...

Hoje, nesta grande correria
Pensam que esqueci a poesia ?!
Mas não...
Ela mora no meu coração.

Teresa Rodrigues

Momentos Vazios

Há certas alturas na vida,
Em que tudo nos escapa das mãos.
A alma sente-se perdida,
Em meros encontros vãos.

Os lugares por onde passamos,
São caminhos mal traçados.
Os refúgios que procuramos,
Tornam-se locais assombrados.

Somos seres vazios.
Somos vagabundos perdidos.
Somos corações frios,
Violados por serem perseguidos.

As emoções que nos restam,
Fazem parte das memórias.
Mil e uma portas se fecham,
Dando lugar a novas histórias.



João Reixa, 2009

O GRITO

**Preciso de espaço
Preciso de espaço para te ver
Preciso de espaço para estar
Preciso de espaço para aprender
Preciso de espaço para te amar**

**Sinto o Mundo á minha volta a apertar.
Sinto o ar que me rodeia a sufocar.
Sinto a vida nas minhas costas a pesar.
Sinto as forças e a ilusão a apagar.**

**Preciso de espaço
Preciso de espaço para respirar
Preciso de espaço para viver
Preciso de espaço para abraçar
Preciso de espaço para morrer**

**Preciso de espaço para gritar ao Mundo
Que tenho a alma a sangrar
Preciso dormir um sono profundo
Esquecer a pena de tanto magoar**

**Preciso de espaço para dizer
Que vivo, que amo, que sonho e existo
Na escada da vida, todo o meu ser
Diz-me que lute e assim eu resisto**

Josefina Poseiro



Viver e deixar viver, viver sem magoar quem quer viver.
Viver e saber dar valor à nossa vida,
viver e saber apreciar o sabor da vida.
Dar valor a cada hora, minuto, segundo da nossa vida.
Viver num país estrangeiro, longe de sua família
longe de seus amigos,
longe de sua cultura, longe, por amor.

Um amor falso, triste, cruel, melancólico.
Chorar sem ter alguém para te consolar,
chorar sem ter este amor para te apertar nos seus braços.
Chorar desesperadamente.
Chorar, quando de repente,
uma mão limpa as suas lágrimas.
Esta mão, tão doce, tão inocente, a mão de uma criança,
com uma voz meiga e palavras afectuosas.

Uma mulher sem criança é como um rio sem peixes,
como o céu sem nuvens
como um caminho sem saída
como uma árvore sem frutos,
como um corpo sem alma.
Uma criança é a chave da vida,
o peixe do rio,
uma nuvem do céu,
a saída de um caminho,
o fruto de uma árvore
a alma de um corpo.
Uma criança é alegria de viver e viver feliz.

EMMA MEKIE

**Muito obrigada a todos os
participantes.**

**Que a poesia nunca deixe de fazer
parte das nossas vidas.**